

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

Territórios de Infância: cartografia social crítica e educação insurgente em bibliotecas comunitárias de Santo André (SP)

FERREIRA, FABIANA SOUZA¹, MORGADO, FLÁVIO²

¹Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2024). Geógrafa e pesquisadora nas áreas de cartografia social, territórios e cultura. E-mail: fa_s_f@yahoo.com.br

²Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2008). Professor da PUC-SP. Desenvolve pesquisas nas áreas de gestão em saúde, governança corporativa e análise de dados. E-mail: fmorgado@pucsp.br

Sessão Temática: 2 – Educação e saberes insurgentes

RESUMO: O Territórios de Infância é um projeto da Rede Beija-Flor de Pequenas Bibliotecas Vivas que promove práticas de cartografia social crítica com crianças e adolescentes em duas bibliotecas comunitárias de Santo André (SP): a Biblioteca Comunitária do Eucaliptos, situada em favela não urbanizada e marcada por deslizamentos de terra (IPT, 2025), e a Biblioteca Comunitária Caminhos da Cultura – Núcleo Sacadura Cabral, localizada em favela urbanizada, mas ainda sujeita a inundações (REGEA, 2020). As oficinas mensais resultam em mapas que articulam deambulações pelas vielas, rodas de leitura e escuta sensível. O objetivo é reconhecer a infância periférica como sujeito produtor de conhecimento e transformar o mapa em linguagem literária e insurgente, revelando pertencimentos, identidades e vulnerabilidades socioambientais. A metodologia envolve o mapeamento participativo, a validação coletiva e a socialização pública dos resultados. Entre os impactos, destacam-se o fortalecimento das bibliotecas como territórios do conhecimento, o reconhecimento das crianças como autoras de espacialidades críticas e a circulação dos mapas em debates sobre riscos ambientais e políticas urbanas. Evidencia-se que a cartografia, enraizada no protagonismo infantil, amplia repertórios educativos e contribui para a adaptação e resiliência climática em territórios periféricos, em consonância com o ODS 13 – Ação contra a Mudança Global do Clima.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia crítica; bibliotecas comunitárias; protagonismo infantil; saberes insurgentes; adaptação climática.

Territories of Childhood: critical social cartography and insurgent education in community libraries of Santo André (SP, Brazil)

ABSTRACT: The *Territórios de Infância* (Territories of Childhood) project, developed by the Rede Beija-Flor de Pequenas Bibliotecas Vivas, promotes practices of critical social cartography with children and adolescents in two community libraries in Santo André, São Paulo (Brazil). The Eucaliptos Community Library is located in a non-urbanized favela affected by landslides (IPT, 2025), while the Caminhos da Cultura – Sacadura Cabral Community Library is situated in an urbanized favela still subject to seasonal floods (REGEA, 2020). Monthly workshops result in “speaking maps”, combining walks through alleys, collective readings, and sensitive listening. The main goal is to recognize peripheral childhood as a knowledge producer and to transform mapping into an insurgent and literary language, revealing belongings, identities, and socio-environmental vulnerabilities. The methodology involves participatory mapping, collective validation, and public dissemination of the results. Among the most significant impacts are the strengthening of libraries as territories of knowledge, the recognition of children as authors of critical spatialities, and the circulation of maps in debates on environmental risks and urban policies. The experience demonstrates that social cartography, rooted in children’s protagonism,

expands educational and political repertoires and contributes to climate adaptation and resilience in peripheral territories, in line with SDG 13 – Climate Action.

KEYWORDS: *community libraries; critical cartography; children's protagonism; insurgent knowledge; climate adaptation.*

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade a partir das infâncias periféricas implica um deslocamento epistemológico que rompe com a ideia de neutralidade do conhecimento. O projeto Territórios de Infância, desenvolvido pela Rede Beija-Flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André, parte da hipótese de que crianças e adolescentes são capazes de produzir diagnósticos críticos sobre os territórios que habitam. Nos bairros do Eucaliptos e do Sacadura Cabral, as vulnerabilidades socioambientais se expressam em deslizamentos de terra (IPT, 2025) e inundações sazonais (Instituto Geológico; REGEA, 2020), condições que atravessam percursos, sociabilidades e modos de morar.

O problema central é a invisibilidade dessas leituras infantis nos processos de planejamento urbano e ambiental, ainda hegemonicamente conduzidos por técnicos e gestores. Assim, torna-se necessário evidenciar como a infância constrói territorialidades próprias, configuradas em trajetos, brincadeiras e afetos (Lopes; Vasconcellos, 2006). Nesse sentido, a perspectiva do caminhar pelas vielas aproxima-se do gesto do flâneur analisado por Walter Benjamin (1994), para quem a experiência sensível do deslocamento na cidade revela camadas de significados invisíveis ao olhar distante e técnico. Mais do que uma metáfora literária, trata-se de um método de conhecimento que valoriza o encontro, a observação minuciosa e a escuta das margens.

Esse olhar encontra ressonância na etnografia urbana de Magnani (2002), cujas categorias de “pedaço” e “trajeto” permitem compreender como coletividades se enraízam e constroem circuitos de sociabilidade. Ao mobilizar tais categorias para compreender práticas infantis, reconhecemos que o brincar, a exploração dos becos e a apropriação dos espaços cotidianos configuram modos próprios de territorialização. Assim, as crianças não apenas habitam a cidade: elas a narram, a interpretam e a recriam em chave crítica. Ao mesmo tempo, espaços como bibliotecas comunitárias se transformam em ambientes educativos (Faria, 2012), articulando memórias, afetos e práticas culturais que potencializam essas leituras insurgentes.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é abordar o Territórios de Infância como experiência de cartografia social e mapeamento participativo, ressaltando sua relevância para a educação insurgente e a adaptação climática em territórios periféricos.

METODOLOGIA

A metodologia ancora-se na cartografia social crítica (Lopes; Vasconcellos, 2006) e no mapeamento participativo, entendidos como práticas de democratização da produção cartográfica e de valorização dos saberes locais. O percurso metodológico foi estruturado em etapas complementares, articulando dimensões técnicas e simbólicas do território.

a) Formação de mediadores comunitários — encontros introdutórios com conteúdos de cartografia acessível (escala, símbolos, legenda), mediação de leitura e registro sensível.

b) Deambulações etnográficas — caminhadas coletivas em vielas e becos, nas quais crianças e adolescentes identificaram riscos, trajetos e espaços de convivência, retomando o gesto de caminhar analisado por Benjamin (1994) e articulando-o às categorias de “trajeto” e “pedaço” propostas por Magnani (2002), como chaves para compreender territorialidades do cotidiano.

c) Rodas de leitura e escuta sensível — realizadas nas bibliotecas, em diálogo com Faria (2012), ampliaram repertórios literários e geográficos.

d) Produção coletiva dos mapas falantes — elaborados a partir de desenhos, colagens, narrativas e símbolos construídos pelas crianças.

e) Sistematização cartográfica inicial — incorporação dos registros comunitários em mapas-base, com apoio técnico.

f) Validação comunitária — momento em que os mapas foram corrigidos, discutidos e legitimados pelos moradores.

g) Socialização pública — impressão dos mapas em lona (formato A0), fixação nas bibliotecas e apresentação em fóruns comunitários e acadêmicos.

Esse percurso metodológico demonstra que mapear é também narrar e resistir, configurando uma prática de educação geográfica insurgente, ancorada na experiência das infâncias periféricas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Territórios de Infância evidencia que as territorialidades infantis não se restringem ao brincar, mas se configuram como formas legítimas de produção de conhecimento geográfico (Lopes; Vasconcellos, 2006). Ao longo das oficinas, as crianças, por meio da cartografia social crítica e do mapeamento participativo, elaboraram mapas que expressam tanto vínculos afetivos com o território quanto diagnósticos sobre situações de risco. No Eucaliptos, favela não urbanizada, destacaram-se áreas de vulnerabilidade relacionadas a deslizamentos de terra (IPT, 2025). Já no Sacadura Cabral, comunidade urbanizada, foram registradas as áreas sujeitas a inundações sazonais (Instituto Geológico; REGEA, 2020).

A prática da deambulação etnográfica, retomando o gesto discutido por Benjamin (1994) no flâneur e reelaborado por Salgado (2015), colocou as crianças como guias do olhar territorial, conduzindo percursos e apontando situações invisibilizadas pelos levantamentos técnicos. Essa experiência também dialoga com Magnani (2002), ao evidenciar como os “trajetos” e “pedaços” infantis produzem significados próprios e modos de territorialização. As rodas de leitura e escuta sensível, na perspectiva de Faria (2012), ampliaram esse processo, associando narrativas literárias às experiências cotidianas.

O resultado desse entrelaçamento foi a produção dos mapas falantes, que mesclam símbolos, colagens e desenhos infantis, revelando espacialidades críticas e insurgentes. As imagens permitem visualizar esse percurso: primeiro, a participação ativa das crianças na elaboração dos mapas dentro das bibliotecas (Figura 1); depois, os produtos finais, representados no Mapa do Eucaliptos (Figura 2), em que aparecem encostas instáveis e trajetos de risco; e, por fim, o Mapa do Sacadura Cabral (Figura 3), que destaca áreas de alagamento e espaços de convivência comunitária.

Figura 1. Participação ativa das crianças na elaboração dos mapas dentro da biblioteca



Fonte: Autores

Figura 2. Produtos finais do Mapa do Eucaliptos - Sistematização cartográfica final em base técnica georreferenciada, impressa em lona no formato A0 e afixada na Biblioteca Comunitária do Eucaliptos.



Fonte: Autores

Figura 3. Produtos finais do Mapa do Sacadura Cabral - Sistematização cartográfica final em base técnica e georreferenciada, impressa em lona no formato A0 e afixada na Biblioteca Comunitária Caminhos da Cultura – Núcleo Sacadura Cabral.



Fonte: Autores

No campo climático, tais mapas não se reduzem a registros simbólicos, mas constituem verdadeiros diagnósticos comunitários de risco, úteis para o planejamento local. Em consonância com o ODS 13 – Ação contra a Mudança Global do Clima, a experiência revela que a adaptação e a resiliência podem emergir da escala cotidiana, quando indicadores são produzidos pela própria comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Territórios de Infância demonstra que mapear é também resistir. Nas bibliotecas comunitárias do Eucaliptos e do Sacadura Cabral, a cartografia deixou de ser apenas uma técnica representacional para se tornar uma prática coletiva e insurgente, pela qual crianças produzem leituras críticas do espaço e constroem novos sentidos de pertencimento.

A experiência confirma que a cartografia pode ser apropriada como instrumento de democratização do conhecimento, revelando camadas invisibilizadas da cidade. No campo da educação, evidencia que a infância periférica não apenas participa, mas é capaz de produzir saberes e territorialidades próprias, ampliando repertórios políticos e pedagógicos. Já no horizonte da justiça climática, os mapas construídos coletivamente funcionam como indicadores comunitários de risco (geológico e geotécnico), fortalecendo estratégias locais de adaptação e resiliência em consonância com o ODS 13.

Conclui-se que os territórios de infância emergem como territórios de luta e (re)existência, nos quais mapas insurgentes não apenas representam, mas atuam como ferramentas vivas de transformação social, pedagógica e climática, capazes de articular saberes periféricos e ação em escala local.

AGRADECIMENTOS

Omitir neste arquivo, para a avaliação duplo-cega.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FARIA, A. L. G. de. **Educação Infantil e processos culturais**. São Paulo: Cortez, 2012.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS – IPT. **Movimentos de massa: causas e áreas de risco no estado de São Paulo**. São Paulo: IPT, 2025.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS – IPT. **Movimento de Massa – IPT 2025**. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente e Mudanças Climáticas; Departamento de Proteção e Defesa Civil, 2025. (Programa Municipal de Redução de Riscos – PMRR). Disponível em: <https://siga.santoandre.sp.gov.br/Catalogo>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- INSTITUTO GEOLÓGICO; REDE DE ESTUDOS DE GEOLOGIA E AMBIENTE – REGEA. **Inundações em áreas urbanas: diagnóstico e prevenção**. São Paulo: Instituto Geológico, 2020. Disponível em: <https://siga.santoandre.sp.gov.br/Catalogo>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- LOPES, J. S.; VASCONCELLOS, M. P. de. **Infância, cidade e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- SALGADO, R. **Cidade, corpo e narrativa: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.